



DAS CAVERNAS RUPESTRES ÀS CAVERNAS URBANAS: UM ENSAIO SOBRE O GRAFISMO NA CULTURA VISUAL MANAUARA

FROM THE CAVES TO THE URBAN CAVES: AN ESSAY ON GRAPHICS IN THE VISUAL CULTURE OF MANAUARA.

¹Silvio Jânio Matos de Souza

¹Prof-Artes/UFAM/UEA – silviofestas@hotmail.com

RESUMO: Este estudo caminha por trilhas que não estão fechadas e, não objetivamos isso, portanto, nossa investigação surgiu a partir da percepção de espaços-territórios visuais ocupados por grafites situados no complexo urbano da cidade de Manaus, para tanto, realizamos um percurso para reconhecer visualmente o grafite, enquanto narrativa visual, para lançarmos ao encontro com os idealizadores, assim, usamos a história oral, através de uma entrevista, para depois, fazermos nossas considerações. Desse modo, estimamos que as reflexões/leituras aqui propostas não se esvaziem, pelo contrário, que sejam instigantes e motivadoras para novos conceitos e pertencimentos ao patrimônio cultural e identitário existente na cidade de Manaus.

PALAVRAS CLAVE: Grafite; Patrimônio-Culturas; Manaus

ABSTRACT: This study walks along trails that are not closed and we do not aim at that, therefore, our investigation arose from the perception of visual spaces-territories occupied by graffiti located in the urban complex of the city of Manaus, for that, we made a path to visually recognize graffiti, as a visual narrative, to launch the meeting with the creators, thus, We use oral history, through an interview, and then make our considerations. In this way, we believe that the reflections/readings proposed here are not empty, on the contrary, that they are instigating and motivating for new concepts and belonging to the cultural and identity heritage existing in the city of Manaus.

KEY WORD: Graphite; Heritage-Cultures; Manaus





1. INTRODUÇÃO

1.1. POETIZANDO NARRATIVAS DA CULTURA URBANA MANAUARA.

Toda forma de expressão artística possibilita leituras e interpretações distintas, pois cada indivíduo percebe os espaços de transição de modos subjetivos e, a partir disto, interage nas estruturas sociais formando opiniões conforme as experiências e vivências adquiridas, pois no contexto urbano existe inúmeras narrativas visuais originárias de outros sujeitos e com outras perspectivas, sejam estas que abarcam dimensões políticas, artísticas, ambientais e, até mesmo, envolvendo peculiaridades de povos originários, como forma de resgatar os costumes, as tradições e os valores de nossa herança cultural.

Iniciamos nossas trilhas do saber artístico a partir das aulas teóricas na Universidade Federal da Amazônia – UFAM, pelo PROFARTES, cursando a disciplina “Música, cultura e sociedade”, ministrada pelo professor Dr. Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto, o mesmo utilizou nas aulas dialogadas várias abordagens que deram embasamento teórico para a idealização e a organização da tessitura desta investigação, deste modo, propomos que, além de analisar e refletir, irá corroborar para que outras pessoas tenham a sensibilidade crítico-analítica para perceberem o quanto a cultura e o fazer artístico são amplos, híbridos e estão presentes em nosso cotidiano social.

Deste modo, este estudo se dedica a observar e refletir sobre a existência do grafite no contexto urbano do município de Manaus, para que possamos analisar os elementos compositivos e os benefícios para a comunidade ou para os transeuntes que circulam por entre essas paisagens artísticas, pois existe em nosso cotidiano elementos que, de uma certa forma, nos remete às nossas lembranças ou memórias do passado, assim,

“Encontramos muitas coisas em nossos caminhos: objetos, imagens, sons, palavras, gestos. Troçamos em linguagens e aprendemos a nos expressar por elas. Algumas situações ou linguagens com que nos deparamos em nosso viver nos afetam, mexem com nossas emoções e seguimos pensando nelas; outras são apenas contatos superficiais, não deixam marcas. Contudo, quando algo nos toca de alguma forma e nos faz sentir pertencentes a um contexto emocional, social, cultural, este começa a fazer parte de nossa história, de nossa bagagem cultural” (FERRARI, 2021. p. 47)

Assim, estimamos que os dados aqui coletados possam servir de inspiração para surtir efeitos na valorização e no entendimento dos elementos constituintes atrelados ao patrimônio cultural, como também, valorizar os artistas e/ou grafiteiros locais como sujeitos sociais que buscam “expressar nas paredes” poéticas visuais recheadas de simbolismo, memórias e tradições.

Para tanto, utilizaremos em nosso processo metodológico a história oral, pois “tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para aquilo que se quer guardar como concebido legítimo, como memória” (ALBERTI, 1998, p. 5), como forma de interpretar os grafites, enquanto códigos visuais, que estão nas ruas e em lugares estratégicos de livre acesso entre as pessoas.

Neste fluxo artístico cada sujeito-criador-grafiteiro tem uma narrativa visual (linguagem artística), um percurso próprio e um modo pelo qual o impulsiona para criar “na selva de pedras”, pois a cidade, com o avançar das construções arquitetônicas, torna-se em um grande suporte a céu aberto para a intervenção artística, a partir disto, identificar e refletir sobre essas composições visuais nos instiga e nos conduz a termos um novo olhar frente a outros fatores que estão inseridos na diversidade cultural na cidade de Manaus.





Neste sentido, assim como fora encontrado no passado e denominado de “arte das cavernas ou arte rupestre”, percebemos que na sociedade contemporânea encontramos evidências que representam “riscos e/ou grafismos” representativos que se configuram em linguagens visuais existente nos viadutos, muros, casarões e nos prédios históricos da arquitetura manauara, dando outros sentidos e oportunizando debate coletivo para além de temas ou tabus sociais historicamente presentes na vida urbana.

Portanto, compreender e/ou refletir aspectos socioculturais é adentrarmos no universo em que estão entrelaçados a simbologia, as formas, as cores, entre outros elementos compositivos, pois, os grafites são representações de indivíduos ora anônimos ora já “reconhecidos pelo sistema de arte” que se apropriam do espaço público para manifestarem pensamentos, sentimentos e ideias buscando representar visualmente heranças culturais, tradições, rupturas, religiosidade, conflitos sociais entre as diversas dimensões subjetivas pertinentes ao modo pelo qual existem/sobrevivem perante tantos obstáculos e barreiras verdadeiramente presentes em toda categoria social.

Neste sentido, saber interpretar essas informações contidas nos grafismos que existem no conjunto arquitetônico do município de Manaus, em destaque nos paredões dos viadutos, muros e prédios históricos, visto que, são lugares que transitam diariamente um grande fluxo de pessoas e sendo estes lugares estratégicos para que haja uma maior apreciação estética do público, como também para dar voz, legitimidade e visibilidade do ato da intervenção artística, assim, conforme Mödinger:

“As artes são um rico campo do saber que pode estabelecer relações com a vida, a história e a cultura dos povos, o cotidiano e suas conexões com as demais áreas de conhecimento. É fundamental, tanto para a compreensão de nossa trajetória no mundo da riqueza cultural acumulada – que temos o dever de preservar – quanto para a produção de novas manifestações culturais, que precisamos incentivar”.
(MÖDINGER, 2012. p.41)

Para tanto, existem outras pessoas ou transeuntes que tem modos de vidas diferentes e que estão em constante fluxos de informações, que buscam socializar suas percepções acerca de temáticas dos diversos meios sociais, criando outros sentidos e dando vez e voz para agentes ou atores sociais que estão em constante transformação diante da crescente urbanidade contemporânea, buscando reafirmar espaços, identidades, narrativas e territórios.

Assim, um grafismo contém vários significados, pois pesquisá-los e identificá-los em espaços públicos é permitir que estudantes, professores, pesquisadores ou a própria comunidade local possa ter a sensibilidade para perceber que é possível, através das artes, dar um novo sentido ao espaço físico e social, ou até mesmo, instigar as pessoas para que tenham outras análises crítico-reflexivas, possibilitando conscientizar as pessoas acerca dos conflitos sociais, inquietações artísticas e de temas ambientais, para tentarmos minimizar outros problemas que também afligem a sociedade manauara.

Na tentativa de aprimorar os saberes artísticos e estéticos contidos na arte urbana, essa investigação busca produzir reflexões acerca de como é importante termos um olhar mais apurado, visto que, com o avançar das sociedades urbanas foi-se criando outros espaços de convivência e, neste jogo de ressignificações, a arte, ou melhor, as linguagens artísticas, também estão se adequando como esfera de transformação político-social nos meios de informação e comunicação visual.

Neste sentido, ao analisar os grafites percebemos que são discursos de sujeitos que pensam e interagem nos espaços com intervenções subjetivas a partir da própria experiência de vida, assim, mediar interpretações destes códigos visuais é uma forma de ampliar os conceitos e as definições da arte para





o debate entre os pares de diferentes esferas sociais, pois estamos rodeados de outras culturas inseridas nas diversas formas de representar e, conseqüentemente, de significar a arte, o homem e o espaço.

Portanto, ter uma noção sobre as produções visuais existentes em espaços públicos é permitir que outras pessoas possam ter a sensibilidade para adquirir novas formas de leituras no contexto social, assim, essa investigação pretende analisar propostas visuais existentes no contexto urbano manauara, para que sejam refletidas também pelos sistemas de arte, pela população local e também, difundida no ambiente virtual, pois somos frutos de culturas letradas, pertencemos e temos vários discursos que circulam gerando inúmeras conexões culturais.

Nesta perspectiva, ressaltamos que toda forma de expressão se torna uma informação, mesmo projetada em “suportes de concretos”, é favorável para o entendimento das novas gerações, pois é preciso expandir para aprimorar a dimensão desses novos espaços sociais de convivência que a vida contemporânea nos propõe.

Dessa forma, realizar mediações acerca da aprendizagem artística é estimular várias pessoas a tecerem outras abordagens, para que tenham novas percepções em prol de novos discursos sociais para suscitar o pertencimento cultural e a composição artística identitária da capital amazonense, portanto, “a memória é um bem precioso tanto para o patrimônio cultural de um povo como para o universo particular de uma pessoa” (FERRARI, 2021, p.40), dito isso, valorizar as expressões culturais do próprio local de origem é fortalecer fervorosamente a dimensão cultural e artística dos artistas de ruas que usam as paredes, os becos, as pontes, os prédios para deixarem suas marcas em prol do pertencimento cultural.

2. MÉTODO

Como forma de conhecer para compreender o percurso criativo do artista-grafiteiro, optamos pelo uso da entrevista como recurso investigativo para refletir o modo pelo qual o próprio artista de rua utiliza durante a criação do grafite nos locais específicos de Manaus, deste modo, não pretendemos delinear amostras quantitativas, mas sim, explicitar os aspectos agregados que o próprio grafiteiro atribui em seu processo criativo, para que, a partir disto, possamos compreender, refletir o contexto sociocultural em que surge as narrativas visuais, pois, “dar conta do fato de que a linguagem é, ao mesmo tempo, condição para a construção do mundo social e caminho para compreendê-lo” (MOITA LOPES, 1994:334).

No que se reporta à produção do conhecimento artístico para o aprimoramento do saber cultural, elaboramos em nosso processo investigativo uma busca inicial em algumas vias urbanas para elegermos alguns grafites com assinatura do próprio grafiteiro, para que, a partir disto, pudéssemos entrar em contato para a realização de uma entrevista.

Contudo, no desenvolver da nossa investigação, fizemos um percurso de carro próprio, para observar em primeira instância alguns grafites localizados nas ruas e/ou nas avenidas, encontramos, com uma certa facilidade, a assinatura “gnos”, após isso, pesquisamos no Google as assinaturas selecionadas, a princípio, esclarecemos que este objetivo era o de poder saber se os próprios grafiteiros utilizavam os meios digitais para divulgarem suas intervenções nas ruas ou nos espaços públicos.

No entanto, descobrimos através do *Instagram* o perfil “gnos.am - Indígena Vandal” que também usa em sua logomarca a seguinte frase: “Produzido no Polo Marginal de Manaus. Conheça a Amazônia”, para tanto, observamos uma grande produção, não somente feita no Amazonas, como também, para





outros estados, assim, entendemos que as narrativas específicas do grafiteiro do “Norte e de Manaus” têm um grande público que, além de curtir, veicula, valoriza e percebe para além da capital amazonense. Desse modo, conseguimos entrar em contato via *instagram* e acertamos que durante a etapa da elaboração desta pesquisa seriam coletadas informações e/ou questionamentos que pudessem dar relevância a cultura local, por conseguinte, o mesmo aceitou ser entrevistado, e realizamos este bate-papo através do *whatsapp*, de forma objetiva e bem tranquila.

Portanto, “*Jonison de Oliveira Vasconcelos de 30 anos*”, que tem o nome artístico de “*gnos*”, pertencente da etnia Apurinã e oriundo de Manaus, busca representar seu modo de vida e o próprio fazer artístico no processo de idealização dos grafites, objetivando levar para outras pessoas traços, cores e formas que estão diretamente ligados na afetividade, como meio de poder representar lembranças da própria infância, retratando em seus grafites os costumes e as tradições ancestrais que abordam aspectos da própria origem familiar, no intuito de poder contribuir diretamente para outras gerações as heranças e valores culturais nas dimensões socioculturais que arte nos propõe no entorno e nas origens da cidade de Manaus.

Dito isso, partimos desta análise histórica para termos um paralelo com os grafiteiros que, de uma certa forma, estes deixam suas marcas ou assinaturas como forma de (re)existência frente a outros desafios que surgem diariamente no contexto urbano, pois como fora no passado histórico, o homem sempre buscou atribuir valores nas esferas da vida de forma coletiva e criativa, deixando evidências do patrimônio cultural, assim, e conforme Barretto (2000), “a noção de legado cultural é muito mais ampla, e inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis; ela inclui não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das elites, mas também o que representa a cultura dos marginalizados”.

Dessa maneira, instigar novos leitores para adentrarem no universo cultural que existe na cidade é um percurso que nos otimiza para entendermos o modo de vida e percepção de mundo que cada artista ou grafiteiro utiliza para expressar suas poéticas, seus dramas sociais e suas inquietações diante de grandes problemas urbanos, para que, a partir dessas intervenções nos muros ou nas paredes, as pessoas de modo geral, possam ser mais “sensíveis” no próprio contexto em que estejam inseridos, pois, a arte é um meio social e transformador.

Figura 1 – Viaduto Elcides Ricardo. Av. Torquato Tapajós (Av. Constantino Nery), próximo da rodoviária de Manaus



Fonte: arquivo pessoal, março de 2023





Na tentativa de autoafirmação e de resistência social, surgem outros personagens que se inserem nas vias de comunicação pública, surgem vozes anônimas que narram e representam outros modos de sobreviver junto aos indivíduos sociais, com isso, nascem “paisagens colorísticas” a céu aberto retratando subjetividades de anônimos-artistas, buscando codificar nos “suportes de concreto ou nas paredes” formas de inter-agir na cidade de Manaus, pois, “o uso de outras expressões que retratam a maneira particular em observar de forma crítico-reflexiva as relações culturais e/ou sociais através da percepção visual, contribuem significativamente para a cultura visual” (HERNANDEZ, 2007, p.22).

Desse modo, observamos que existem outros sujeitos que ocupam o mesmo espaço físico (artistas, grafiteiros, pichadores, anônimos etc.) que, de um certo modo, buscam chamar a atenção da população local para a existência dos conflitos sociais, ausência de políticas públicas e das desigualdades sociais, ou seja, utilizam-se da Arte para motivar respostas favoráveis aos mais necessitados que habitam e se agrupam às margens sociais.

Assim, nessa trajetória podemos estimar que a Arte exerce uma função essencial na vida social, política e educacional, possibilitando outras noções/percepções e criando conexões entre a educação, a arte e a sociedade, pois, nessa teia de significados percebemos o quanto as linguagens artísticas podem mudar os rótulos estereotipados no contexto social com ênfase ao conhecimento artístico e reflexivo.

Transitar por entre as principais avenidas, viadutos, ruas e, até mesmo, alguns becos de Manaus é notório encontrarmos prédios, casas e casarões como em qualquer capital brasileira que acumula uma história e uma identidade visual, porém, ao analisarmos além das paredes, percebemos que existem vários moradores, cada um com características, percepções de vida e mundo diferente, não são “moradores físicos” e sim “moradores-sujeitos sociais” que ocupam estes espaços, tem cores, traços e perfis, ou seja, criam-se um corpo visual e se instalam, dando vida e voz, através dos grafites, na arquitetura urbana paisagística.

Portanto, percorrer nas vias urbanas de Manaus é poder observar a existência desses moradores que buscam diariamente a dignidade social, ou seja, buscam viver de forma comunitária, objetivando melhorias e o reconhecimento através de poéticas visuais, pois este repertório criativo e imagético é objeto que permite várias análises e nos propõe outras interpretações acerca dos modos de interrelacionar e ocupar os territórios, pois nesta perspectiva e conforme Vicentino:

“A identidade afetiva consiste nas manifestações de amizade, cooperação e solidariedade entre pessoas afins. O senso de exclusividade decorre do impulso de repelir pessoas “estranhas” a um espaço identitário. Já a interação entre grupos promove aproximações com o objetivo de obter benefícios recíprocos” (VICENTINO, 2020, P. 66)

Partindo das observações realizadas em espaços não-formais, foi possível refletir o quanto é importante termos outros meios para aprendermos sobre a cultura e o pensar do outro, numa perspectiva em que o grafite, enquanto obra de arte, coexiste e vem se adaptando nos espaços e/ou suportes diferentes aos cânones tradicionais, permitindo interpretações multiplas no entrecruzamento envolvendo a história, a memória e o tempo.

Nestas perspectivas de caráter investigativo, elaboramos uma entrevista com tema central “Grafite e cultura urbana” que foi realizada via áudios através do Whatsapp, no período de 12 a 20 de junho de 2023, que abrangeu vários aspectos, selecionamos algumas perguntas e usaremos o termo “gnos” que





representará as respostas do entrevistado e, “Silvio Jânio” como autor responsável pela elaboração da entrevista, assim fora da seguinte forma:

Silvio Jânio: Pergunta 01: Você tem alguma inspiração ou temática própria para as produções de seus grafites?

Gnos: Resposta: *“...minha inspiração total vem dos povos originários, da nossa Amazônia, dos indígenas, da nossa mata, da floresta, dos animais e tudo o que tem haver com nossos ancestrais, eu levo para o grafite, entendeu! Tenho como inspiração essa temática aí, que são os povos originários, a fauna, a flora pros meus trabalhos...”*

Silvio Jânio: Pergunta 03: Na sua opinião, através de suas produções, é possível conservar/preservar a cultura manauara? Por quê?

Gnos: Resposta: *“...eu gosto muito de enaltecer nossa cultura,, a cultura de nossa cidade e de levar para vários lugares do Brasil, para que as pessoas conheçam nosso trabalho, sendo manauara e sendo do nortista”.*

Silvio Jânio: Pergunta 04: Como surgiu a ideia em grafitar nos paredões/espços de Manaus? Como você se identifica ou se intitula enquanto criador visual?

Gnos: Resposta: *“...cresceu em meados de 2015 e 2016, surgindo oportunidades para fazer as pinturas nos viadutos, à princípio eram chamadas de “mega murais”, e aí foi passando o tempo e surgindo outras oportunidades que eu fui convidado a participar dos grandes murais na cidade e, participei de todos! Alguns foram na avenida Djalma Batista; avenida Constantino Nery; avenida das Torres/Flores, tipo isso! Foi muito importante para o crescimento da cena do grafite, da arte urbana na cidade”.*

Silvio Jânio: Pergunta 06: Você é filho de Manaus mesmo?

Gnos: Resposta: *“Sim, sou nascido e criado em Manaus, e também, sou descendente da etnia Apurinã e meus familiares são indígenas e também sou; fui criado na cidade né, e isso é muito importante para mim, por isso, o motivo deu ter essas referências nos meus trabalhos, dos povos originários”.*

Silvio Jânio: Pergunta 08: Você concorda ou não que o grafite é uma linguagem da periferia ou uma linguagem das “margens sociais”? Por quê? Pois existe uma parcela da sociedade manauara que não consegue definir o que é um grafite e o que é uma pichação.

Gnos: Resposta: *“...então, o grafite é sim uma arte da periferia, é uma arte da rua, é uma arte urbana, foi criada na rua através da pichação e se tornou e foi criado o grafite; o grafite e a pichação são praticamente a mesma coisa, só muda que um tem uma linguagem diferente da outra, a estética diferente da outra, algo mais colorido, algo mais elaborado, tem uma visão diferente da pichação. A pichação é algo mais sujo, mas não deixa de ser arte, pichação é arte, tipo, é uma arte política[...] a pichação é mais agressiva esteticamente...”*

Por esses recortes investigativos, entendemos e elegemos que a partir das intervenções dos grafites nos locais de grande visibilidade arquitetônica, tem por objetivo representar visualmente a maneira particular em que cada grafiteiro utiliza para chamar a atenção da sociedade manauara para vários problemas existentes nas zonas urbanas, desse modo, “o ato de ver ao ser aprimorado permite-nos observar melhor o mundo, o ambiente, a natureza” (FUSARI e FERRAZ, 2001, p.79), portanto, saber ler e interpretar estes códigos visuais é um meio para que outras pessoas possam ressignificar a própria (re)existência de convívio social.





Figura 2 – Av. Torquato Tapajós (Av. Constantino Nery), prédio em estado de abandono



Fonte: arquivo pessoal, março de 2023.

Assim, entendemos que essas dimensões podem ser identificadas e apreciadas na composição poética de um grafite, pois, são linguagens visuais alojadas em qualquer superfície a céu aberto, na tentativa de alcançar o maior número possível de pessoas, para que de fato, seja observada, valorizada e, possa também, estabelecer conexões através das mediações estéticas que dão legitimidade ao pertencimento cultural e a própria conservação da memória história, pois:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição, visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número ou uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p.22).

Nesta perspectiva, selecionar circuitos culturais é permitir possibilidades em aprender outros saberes em outros espaços, pois, a arte se insere como forma contextualizada de expressão, cognição e de comunicação sensorial do ser humano, pois é possível termos instrumentos que nos dão suporte para outras leituras visuais, não só nas artes, mas também, aperfeiçoar o entendimento de códigos visuais na sociedade contemporânea, pois conforme Iavelberg:

“A arte, por si só, não opera transformações na educação, mas, as experiências com os processos de criação podem reorientar o sentido de ensinar, o papel do professor, a imagem da escola, bem como o valor das práticas culturais nas comunidades e na vida pessoal e profissional dos professores e nas relações entre as escolas e as instituições que promovem ações sociais”. (IAVELBERG, 2007, p. 23)

Portanto, ampliar o conhecimento acerca da cultura é termos condições favoráveis para entender ou refletir sobre os elementos constituintes em um grafite, como também, de adquirirmos uma visão





macro, em destaque à cultura local, para garantir às novas gerações a conservação histórica material e imaterial dos arredores da cidade de Manaus, visto que, o próprio homem contemporâneo têm condições de criar e recriar discursos (narrativas visuais) relacionados ao próprio modo de ser/existir na sociedade urbana.

Assim, temos presenciado no contexto social várias imagens que podem representar códigos diferentes de outras culturas, pois é preciso alfabetizar na escola estudantes para que estes adquiram um outro olhar mais estético e sensível, desse modo, “alfabetismo significa a capacidade de expressar e compreender, e tanto a capacidade verbal quanto a visual pode ser apreendida por todos. E deve sê-lo” (DONDIS, 1991. p. 230).

Deste modo, cada imagem tem uma finalidade, tem uma função específica e um conceito atribuído conforme as fontes originárias, assim, “de nada adianta voltar aos olhos para a cidade, para o cotidiano multifacetado, se os olhos não enxergam, se o poder de percepção não estabelece conexões, se os ouvidos não ouvem, se a mente não seleciona e organiza” (AROUCA, 2009. p. 9).

Portanto, reafirmamos que é preciso termos um olhar mais apurado em que consigamos entender os signos visuais presentes em uma pintura e, até mesmo, em um grafite, pois a cultura é recheada de vários símbolos e, por conta disso, estimamos que através desta investigação, possam ter outros desdobramentos e que estes possam ser percebidos de forma clara e dinâmica, pois, em nosso contexto urbano, existem muitas informações e códigos visuais que representam vozes e dão visibilidade nos suportes em que se encontram para serem questionados e valorizados por toda a população local.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

3.1. A LINGUAGEM NA PAREDE DAS CAVERNAS

Propomos como alusão aos homens que viveram na pré-história, que criaram ritos na organização dos grupos originários e deixaram vestígios nas paredes das cavernas ou nas rochas, que representavam fatos da própria espécie, sejam dimensões ou fenômenos da vida ou da morte, como também o modo como ocupavam os espaços na condição social (MYNAIO, 2002. p.9), a produção de imagens, cores e formas nos dão possibilidades de entendermos como eram os modos na convivência grupal, da própria ritualidade e da maneira de estabelecer os costumes e as tradições no cotidiano.

Assim, ter artistas em locais que comungam dessas vertentes é ter também a possibilidade da ampliação de vários debates que possam somar ao universo criativo das artes visuais, numa dinâmica que cultive os valores culturais, que em algumas vezes, são deixados de lado e, em outros casos, enaltecendo a cultura e os costumes de fora, ou seja, de outros estados. Assim, investigar produções visuais em novos espaços de apropriação, é um percurso que visa corroborar para a própria criação local, nesta perspectiva, muitos grafiteiros usam os espaços da cidade para protestar e chamar a atenção da população para determinada situação, no intuito em poder dialogar através de outras fontes do conhecimento artístico e cultural, deste modo, Wortmann:

Essa constante produção de significados está sempre associada a luta de poder, essa produção se inscreve em relações de poder e é nesse processo que, se define, por exemplo, o que é “normal ” (ou não) em uma cultura, ou quem pertence a um determinado grupo, ou dele é excluído. (WORTMANN, 2001, p.157)

Portanto, ao analisarmos estes espaços em que estão inseridos vários grafites, percebemos o quanto a arte se completa com outros contextos como forma de expressão e comunicação, numa dimensão que





perpassam a própria existência humana, representando sentimentos, valores sociais, tradições e, até mesmo, representando o misticismo de um determinado grupo social.

Percorrer por entre as trilhas da arte no circuito manauara, é ter a oportunidade em observar um rico universo que agrega elementos e valores simbólicos que estão diretamente interligados com a cultura local, para que se possa difundir ao público geral a história, as lendas, os contos e a própria origem de vários povos originários que estão enraizados nas origens do município, no intuito de termos novos significados frente a cultura visual.

Assim, temos intervenções artísticas que envolvem as experiências cotidianas, no sentido de que, existem indivíduos anônimos que produzem a própria maneira de ser/viver no espaço urbano, atribuindo juízos de valores através das críticas sociais, ou seja, os viadutos, os muros e as paredes da cidade, são entendidas como a extensão do olhar frente aos desafios existentes na crescente urbanidade local, ao mesmo tempo, propusera chamar a atenção de quem transita por entre as vias para perceberem nestes territórios-espacos de concreto narrativas que simbolizam, criando dessa forma, um corpo visual que tem memórias e histórias, pois:

A influência das artes visuais agora é tremenda e todo mundo mostra interesse, porque revela aspectos ocultos da sociedade e expõe o mundo tal qual ele é: comentários sobre o mundo real, sobre os meios, os pobres, a rua, a música, as drogas[...] (HERNÁNDEZ, 2007, p.35)

Neste sentido, observar os espaços urbanos é poder perceber que existem várias formas de utilizar o espaço físico para despertar o olhar crítico numa dinâmica que envolva modos singulares de expressão, assim, um grafite, enquanto linguagem artística concentra perspectivas de cunho social, no intuito de oferecer aos observadores que circulam nas ruas uma memória visual atrelada à identidade cultural manauara e que estão recheadas de valores e de pertencimento ao local onde estão inseridos.

Para isso, circular nas grandes cidades brasileiras é trafegar ao lado de grandes prédios, tendo avenidas muito lotadas e com um grande fluxo de carros, ônibus e muitos pedestres que caminham por entre passarelas, vias e viadutos, nestas perspectivas, a cidade de Manaus também concentra grandes obras de arte em espaços não convencionais que dão outros sentidos, de caráter estético e cultural, para oportunizar ao público geral elementos que remetem às memórias, tradições, festejos e costumes, para difundir entre os transeuntes o pertencimento cultural de outros povos para outras esferas sociais.

Dessa forma, todo ambiente social é palco para que se produza arte num processo legal de convívio que surge além dos muros da escola formal, assim, estes artistas criam poéticas visuais com temáticas amazonenses que dão vida aos personagens retratados nos espaços públicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar a realização desta pesquisa pensamos em poder, de alguma forma, contribuir na formação cidadã e cultural, através dos dados coletados, para outros sujeitos de outros lugares, afim de que ao analisarem este percurso investigativo, possam ter um novo olhar relacionado à cultura, ao grafite, ao pertencimento cultural e, também, relacionar e refletir o quanto a arte está interligada no processo de conhecimento/personificação da própria história, no próprio cotidiano urbano e, sendo representada com formas, estilos, cores e subjetividades.

Deste modo, estimamos que as leituras aqui propostas sejam de alto valor científico e artístico para que os novos leitores tenham a sensibilidade para realizarem novas reflexões acerca da cultura visual





existente em Manaus, como também, terem a noção de como são eleitos e percebidos os elementos constituintes do patrimônio cultural numa dimensão material e imaterial para que, a partir disto, possam valorizar o grafite enquanto “arte de rua, arte política, arte interventiva e arte marginal”.

Portanto, não pretendemos “dar respostas prontas”, mas sim, instigar aos novos leitores o quão grande é sabermos sobre a cultura que nos envolve, que nos cerca, que nos provoca emoções, conflitos, rupturas..., no intuito de termos e sermos pessoas capazes de respeitar a cultura do outro, de apreciar a poética visual do outro, para que, ao embalo dessas interfaces do saber artístico-científico termos uma sociedade manauara mais igualitária e, como tal, se orgulhar de suas origens e memórias históricas.

5. REFERÊNCIAS

- AROUCA, 2009. Carlos Augusto Cabral – Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental / Carlos Augusto Cabral Arouca. São Paulo: Ed. Anzol, 2012
- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990
- BARRETO, Margarita. Turismo e legado cultural. Campinas: Papyrus, 2000
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual, 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015
- HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2007
- FUSARI e FERRAZ. Arte na educação escolar – São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Magistério 2º grau. Série: formação geral)
- FERRARI, Solange dos Santos Utuari. A educação no universo das imagens: artes visuais / Solange dos Santos Utuari Ferrari, Débora Rosa da Silva. 1 ed. – São Paulo: FTD: 2021.
- IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores – Porto Alegre: Artmed, 2003
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOITA LOPES, L. A. Pesquisa interpretativa em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. Revista Delta, v.1, n. 2, 1994.
- MÖDINGER, Carlos Roberto. Artes visuais, dança, música e teatro: práticas pedagógicas e colaborações docentes / Entre Nós – Anos finais do ensino fundamental, v.1 – Erechim: Edelbra, 2012.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, n° 10, dez. 1993.
- VICENTINO, Claudio. Diálogos em Ciências Humanas: mundo em movimento / Claudio Vicentino, Eduardo Campos, Eustáquio de Sene. Ed. São Paulo: Ática, 2020.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O uso do termo representação na Educação em Ciências e nos Estudos Culturais. Pro-Posições - vol. 12. N. 1 (34) - março/2001.

